



RELAÇÕES FAMILIARES E ORIENTAÇÃO SEXUAL: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE DE UM DE SEUS MEMBROS

FAMILY RELATIONS AND SEXUAL ORIENTATION: ANALYSIS OF THE FAMILY MEMBERS' PERCEPTION ABOUT THE HOMOSEXUALITY OF ONE OF ITS MEMBERS

Vitória Oliveira Cunha¹
Bruna Boechat de Souza Dolabella²
Luciana Kind³

RESUMO: Esta pesquisa se originou de um projeto apresentado à Faculdade de Psicologia, como requisito parcial para a conclusão do Estágio Supervisionado III - Práticas Investigativas e visou descrever a maneira que um indivíduo lida com a homossexualidade de um/a filho/a ou irmão/ã. As estratégias metodológicas utilizadas foram um estudo bibliográfico sobre a perspectiva dos pais e 7 entrevistas semiestruturadas com irmãos e irmãs de homossexuais, que foram realizadas em Belo Horizonte, Minas Gerais. A análise temática possibilitou a formação desses eixos temáticos: *coming out*, relacionamento fraterno e desdobramentos do *coming out*. Conclui-se que é necessária a investigação sobre como a reação dos familiares a respeito da homossexualidade repercute na vida do indivíduo e no cotidiano familiar, uma vez que este já sofre grande repressão por parte da sociedade. Além disso, destaca-se uma grande relevância desse tema para a prática profissional da psicologia e campos afins que lidam com as dificuldades enfrentadas nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Família; Relação Fraterna; *Coming Out*.

ABSTRACT: This research originated from a project presented to the Faculty of Psychology as a partial requirement for the completion of Supervised Internship III - Investigative Practices and aimed to describe the way an individual deals with the homosexuality in a household. The methodological strategies used were a bibliographic study based on the perspective of parents and 7 semi-structured interviews with brothers and sisters of homosexuals, which was conducted in Belo Horizonte, Minas Gerais. The thematic analysis made possible the formation of these thematic axes: *coming out*, fraternal relationship, and consequences of *coming out*.

In conclusion, it is necessary to investigate how family members' reactions to the individual's homosexuality has repercussions on the individual's own life and their family life. This can be particularly poignant as they already suffer discrimination from society as a whole. In addition, it highlights a great relevance of this theme to the professional practice of psychology and related fields that deal with the difficulties faced in this context.

KEYWORDS: Homosexuality; Family; Fraternal Relation; *Coming Out*.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de família vem mudando muito ao longo da história, sendo possível identificar vários tipos de arranjos familiares que diferem do padrão mãe, pai e filhos. Pode-se dizer, que é na família que, normalmente, os indivíduos adquirem seus primeiros valores, normas de conduta e formas de se relacionar. De acordo com Borges (2009), essas mudanças em relação à constituição das famílias, alteram também o que será transmitido para as novas gerações. A sexualidade é um outro aspecto construído dentro do ambiente familiar, que intera-

¹ Graduanda em Psicologia pela PUC Minas, unidade Coração Eucarístico. vcunhapsi@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela PUC Minas, unidade Coração Eucarístico. brunadolabellapsico@gmail.com

³ Doutora em Saúde Coletiva, com Pós-Doutorado em Psicologia Social. Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. lukind@gmail.com

ge com fatores sociais e biológicos, tendo uma relação dialética com o conceito de família. Por isso, de acordo com Hauer e Guimarães (2015), novas construções familiares deram mais abertura para o diálogo da sexualidade, mas muitas famílias ainda não abrem esse espaço.

Nesse contexto, utiliza-se o conceito de homossexualidade descrito por Martins, Romão, Lindner e Reis (2010) como uma orientação sexual em que o indivíduo possui atração emocional e afetiva por indivíduos do mesmo sexo. A homossexualidade é um termo relativamente novo na história do país, já que antes se utilizava “homossexualismo” - que indica uma relação com doença - explicação essa encontrada na obra de Martins, Romão, Lindner e Reis (2010). Apenas em 1999, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabeleceu normas de atuação para psicólogos por meio da Resolução 01/99 e considerou a sexualidade como identidade do sujeito, assim, refutou a condição de doença atribuída à homossexualidade.

Essa orientação sexual é fonte de inúmeros preconceitos e discriminações em nossa sociedade, e os adolescentes e jovens sofrem com isso, principalmente no momento de “revelação” para a família. De acordo com Braga et al. (2018), no momento de fragilidade e vulnerabilidade dos jovens homossexuais às discriminações existentes na sociedade, eles sentem a necessidade e confiança de revelar a homossexualidade para pessoas de seu convívio como os pais, mães e irmãos. Porém, a reação negativa desses, que ocorre na maioria dos casos, pode agravar drasticamente o desenvolvimento saudável desses jovens. Essa reação decorre, muitas vezes, de uma frustração dos pais em relação às expectativas heteronormativas depositadas em seus filhos/as, pois estes nem pensam na possibilidade de eles/as transgredirem seus desejos, como afirma Louro (2004). Diante dessas considerações, é possível constatar que a luta dos homossexuais contra o tabu e o preconceito não é recente. No entanto, apesar do tempo em que essa realidade é colocada em reflexão, a sociedade ainda segue um padrão heteronormativo e a esse tema engloba vários campos que ainda não foram estudados profundamente.

A experiência do armário e o momento do *coming out* são temas que não poderiam ficar de fora dessa pesquisa, já que são momentos que acompanham quase todos os homossexuais. De acordo com Nunan (2015) a partir do momento em que se percebe homossexual o indivíduo se vê angustiado, pois teme ser rejeitado. Assim, a cultura heteronormativa muitas vezes faz com que o indivíduo encubra essa homossexualidade, sendo esse encobrimento o chamado “armário”, um momento de auto-conhecimento e auto-aceitação. Esse momento pode ser seguido do *coming out*, etapa de “sair do armário” e assumir-se como sujeito homossexual para a sociedade.

Como expõem Seidman, Meedks e Traschen (1999, p. 19, tradução nossa), “o armário se refere a uma divisão entre a vida privada onde a homossexualidade pode ser expressa e a

vida pública onde o indivíduo age como heterossexual”. Para esses autores, o conceito de *coming out* pode ser considerado uma transição para uma identidade gay assumida e está diretamente ligado ao conceito de armário. Devido à cultura heteronormativa, o armário pode ser considerado uma forma de opressão aos homossexuais e, portanto, o *coming out* seria uma espécie de ato político e libertação da identidade gay (SEIDMAN et al., 1999; SAGGESE, 2009).

Em relação ao conceito de identidade gay, Nunan (2015) diz ser um conceito perigoso, já que pode ser classificatório e normatizador. Além disso, a autora aponta que é muito mais fácil homens, brancos e de classe média, assumirem e viverem sua identidade gay do que negros, mulheres e pobres. Sendo assim, a identidade gay não é a única maneira de viver a homossexualidade, como observa Weeks (2012)

Não há conexão necessária entre desejo homossexual, comportamento, orientação, consciência, subjetividade, papéis sociais, categorizações e identidades. Você pode se envolver sexualmente com uma pessoa do mesmo gênero e ainda não se sentir “um homossexual”. Pelo contrário, você pode ter uma forte identidade gay e viver uma vida assexuada. (WEEKS, 2012, p. 120, tradução nossa).

Retornando ao conceito de armário, para Seidman (1999), apesar da cultura heteronormativa oferecer riscos aos homossexuais o que faz com que, muitas vezes, eles tenham que se esconder no “armário”, ele não apresenta só pontos negativos, já que pode ser um lugar seguro para a construção da subjetividade e maior entendimento sobre seus desejos. Dessa forma, para Eribon (2008) citado por Saggese (2009),

[...] o armário foi com tanta frequência denunciado pelos militantes homossexuais como o símbolo da ‘vergonha’ e da submissão à opressão que se acabou esquecendo ou negligenciando que ele também pode ser, e ao mesmo tempo, um espaço de liberdade e um meio – o único – de resistir e de não se submeter às injunções normativas [...]. (ERIBON, 2008 apud SAGGESE, 2009, p.33).

Para estes autores e autoras mencionados, o momento do *coming out* pode ser facilmente comparado com uma confissão e é acompanhado de vários questionamentos sobre se é realmente preciso se revelar, quando se revelar, como e para quem. Nunan (2015) afirma que “enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que em um sentido mais profundo o indivíduo de fato escolhe tornar-se gay (isto é, adotar uma identidade gay coletiva) quando atravessa o rito de passagem conhecido como *coming out*” (NUNAN, 2015, p. 87). Na sociedade brasileira atual, o processo de *coming out* pode trazer

consequências negativas para o homossexual, em decorrência da grande homofobia existente no país.

A homofobia é “um conceito polissêmico e um fenômeno plural e faz referência a um conjunto de emoções e comportamentos negativos de uma pessoa ou grupo em relação aos homossexuais” (NATARELLI et al, 2015, p. 665). Com base nisso, enfatiza-se o caráter negativo do comportamento de um indivíduo direcionado a um outro homossexual podendo causar inúmeras consequências no cotidiano da vítima. A homofobia pode acontecer até mesmo dentro da casa do sujeito, pela reação negativa da família, e nesses momentos ter um irmão pode, ou não, auxiliar o sujeito a enfrentar esta situação.

Apesar de a relação fraterna ser fundamental para a constituição do sujeito e de sua subjetividade, interesse pelo estudo dessa área só começou no século XXI - com a exceção de alguns autores clássicos. Por ser uma relação imposta, quando ocorre a chegada de um novo membro na família, se instala um conflito intrageracional estabelecido por uma relação de contingência vitalícia (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007, p. 293).

De acordo com Féres-Carneiro e Muniz (2012), a fratria é uma relação horizontal, que funciona como a primeira representação do outro, para que o sujeito possa se reconhecer e estabelecer relações. Essa funcionalidade é possível devido ao mesmo nível hierárquico que os irmãos ocupam em uma família, considerando suas diferenças e semelhanças de cada um. Por isso, é preciso considerar a relação de cumplicidade entre irmãos.

No entanto, aspectos ditos negativos - disputa, ciúme, a inveja e a rivalidade - são comuns na relação fraternal, devido a competição pelo amor dos pais. Essas disputas são frequentes na maioria das famílias, porém possuem um caráter mais lúdico que agressivo e têm como propósito a garantia da individualidade, o atendimento de interesses e, ocasionalmente, o usufruto de vantagens relacionadas ao poder (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007). Silveira (2002) argumenta que a vivência destes sentimentos no relacionamento fraterno é como um laboratório para as relações que serão vividas externamente, devido ao aprendizado de diferentes habilidades.

Em razão dos pontos apresentados é de extrema importância a discussão sobre o assunto, uma vez que os homossexuais são alvo de grandes preconceitos tanto da sociedade como, em alguns casos, de suas próprias famílias, o que pode levar à intolerância e a violência. Sendo assim, é necessário investigar como se dá a aceitação ou não dos pais, mães e irmãos acerca da revelação da homossexualidade dos filhos e como isso pode refletir no cotidiano familiar.

Além disso, destaca-se uma grande relevância desse tema para a prática profissional da psicologia e campos afins que lidam com as dificuldades enfrentadas nesse contexto. Dessa forma, fomenta-se o debate acerca da desconstrução de padrões heteronormativos existentes em nossa sociedade para que o índice de aceitação da homossexualidade e a inclusão desses indivíduos aumente.

Devido a existência de muitas referências na literatura a respeito da aceitação ou não da homossexualidade de seus filhos/as pelos pais e mães, esse artigo teve como foco os irmãos/ãs de pessoas que se declaram homossexuais. Como foco, analisamos: como irmãos ou irmãs lidaram e lidam com a homossexualidade na relação fraterna, qual o impacto da reação deles na vida do/a irmão/ã homossexual e como foi repercutido, no ponto de vista deles/as, o momento de *coming out* do/a irmão/ã, naquela família.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois, como expresso por Deslauriers e Kérisit (2010), essa abordagem é a mais bem indicada quando se trata de uma pesquisa que busca explorar e aprofundar um tema complexo. Além disso, essa é uma pesquisa que não busca quantificar algo, mas sim compreender aspectos subjetivos das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.31). Utilizamos o método estudo de caso que segundo Yin (2015, p.17), “trata-se de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas”.

Para a coleta de informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes. De acordo com Flick (2009), esse tipo de entrevista permite que a visão do sujeito seja exposta de maneira mais livre. As entrevistas foram desenvolvidas na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, no segundo semestre de 2019. Os participantes foram selecionados através de anúncios na rede social *Instagram*, onde foram solicitados que pessoas que se encaixavam no perfil e que tivessem interesse em participar entrassem em contato com as pesquisadoras. O roteiro de entrevistas foi composto 7 perguntas, que buscavam informações sobre a reação do irmão e dos familiares em relação ao *coming out* e os desdobramentos que isso trouxe, como mudanças de concepções e de tratamento, e terminaram com as informações gerais do participante, como proposto por Flick (2009). Essas questões abordaram assuntos concernentes às relações familiares, mas também às relações das famílias com a sociedade em geral, relacionando com o contexto vivido pela família.

Para esta pesquisa, entrevistamos irmãos e irmãs de pessoas homossexuais, já que na literatura existe material insuficiente sobre a experiência de laços fraternos e homossexualidade. Entretanto, para que fosse possível uma comparação entre os familiares, partimos de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de também explorar o ponto de vista dos pais e mães. Entrevistamos 7 participantes, que estavam inclusos em alguns critérios: ser irmão ou irmã de um/a jovem homossexual assumido há mais de um ano; residir em Belo Horizonte e ter 18 anos ou mais.

Quadro 1 - Caracterização dos entrevistados

Nome Fictício	Idade	Curso	Irmão/Irmã	Tempo de Conhecimento	Sexo
Renato	20	Direito	Irmã	2 anos e 1/2	Masculino
Rafael	22	Odontologia	Irmão	7 anos	Masculino
Patrícia	20	Psicologia	Irmã	10 anos	Feminino
Samuel	20	Psicologia	Irmão	7 anos	Masculino
Lucio	22	Direito	Irmã	1 ano e 1/2	Masculino
Gabriela	22	Direito	Irmã	2 anos	Feminino
Fernanda	20	Psicologia	Irmão	4 anos	Feminino

Fonte: dados da pesquisa.

Para a construção do nosso referencial teórico fizemos buscas com as mesmas palavras-chave nas plataformas PePSIC, SciELO e Periódicos CAPES. A plataforma Periódicos CAPES foi a que mais resultou em artigos para os nossos termos de busca, sendo: “Homossexualidade e Família”, 374 referências; “Homossexualidade e Pais”, 388 referências; “Homossexualidade e Aceitação”, 148 referências; “Homossexualidade e Vivências”, 107 referências; “Homofobia e Família”, 559 referências; “Homofobia e Pais”, 581 referências; “Homofobia e Aceitação”, 121 referências e “Homofobia e Vivências”, 149 referências. Feito isso, percebemos que alguns artigos eram de temas que tangenciam o nosso, mas não tinham uma proposta parecida com a que estamos propondo.

Em consonância com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012) n. 466/12, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a finalidade de respeitar a dignidade humana e proteger os participantes das pesquisas científicas com seres humanos.

Os dados foram transcritos e submetidos à análise temática, que, de acordo com Richardson (1999) citado por Kind (2007), consiste no isolamento de partes que têm maior rele-

vância para a pesquisa. Utilizamos o método proposto por Kind (2007), que consiste em três passos: pré análise, exploração do material, discussão e articulação de dados. Primeiro, na pré análise, separamos o material que foi analisado. Depois, na etapa de exploração do material, separamos trechos das transcrições em “unidades temáticas” de maior relevância para a pesquisa e categorizamos os temas. Por fim, discussão e articulação de dados, realizamos a articulação entre os dados colhidos nas entrevistas e o referencial teórico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados através das entrevistas semiestruturadas foram submetidos à análise temática proposta por Kind (2007). A partir da análise das entrevistas foram criadas três categorias temáticas, que serão apresentadas a seguir, juntamente com falas das participantes e discussões tendo por base a literatura revisada.

3.1 *Coming Out*

A primeira categoria englobou todos os depoimentos das participantes que se referiram ao *Coming Out*. Foram agrupadas todas as falas acerca da reação dos familiares à descoberta da orientação homossexual de um deles, sob o ponto de vista do/a irmão/ã entrevistado/a.

No período antes do *coming out* a maioria dos sujeitos homossexuais passam por uma fase de esconder a orientação sexual, seja apresentando falsas namoradas/os ou disfarçando os comportamentos e sentimentos, e quando essa grande mistura de sentimentos fica reprimida por tanto tempo, eles não aguentam mais guardar para si e acabam revelando mesmo com medo e angústia. (SILVA et al., 2015). Isso também foi observado nas entrevistas desta pesquisa, nos seguintes relatos sobre a vida dos irmãos/ãs homossexuais antes do *coming out*:

“[...] falou que desde uns 15 anos ela sentia isso mas que ela nunca tinha se permitido sentir e tal, e que namorou o X, gostou muito dele, tinha um carinho muito grande por ele e tanto que ficou 4/5 anos com ele e pensava em casar já e tal. Mas chegou um dia e falou assim eu não consigo mais segurar isso pra mim e... não é quem eu sou e terminou [...]”. (Renato)

“[...] nem desconfiava, ela falava que tinha um namorado e tal... *rindo* Mas ele não era namorado dela de verdade.”. (Patrícia)

Os indivíduos homossexuais normalmente decidem por se revelar primeiramente no ambiente familiar e/ou no círculo de amigos, já que sentem com eles uma relação de confiança. A reação negativa destes, entretanto pode ser ainda mais difícil de lidar, pois além de ser uma agressão ela parte de pessoas que o jovem mantém relações de proximidade. Além disso, eles defendem a ideia de que as famílias, principalmente as mais autoritárias, acreditam que estão na posição de exercer controle sobre a sexualidade de seus membros, e por isso utilizam de muitas formas de repressão e de tentativas de colocar o jovem no padrão heteronormativo. (BARCELOS; BATISTA, 2014).

Essa repressão está muito ligada com a falta de entendimento ainda existente a respeito do que é a homossexualidade: muitos ainda acham que é uma opção que é possível ser "corrigida" com terapia, por exemplo. Na fala de Rafael, podemos encaixar tal questão:

“Minha mãe chegou a olhar de tudo, tipo de psicólogo pra ele, tipo achando que algo de psicólogo poderia curar ele e tal, pensou em tirar ele da escola que ele tava... Teve todo um processo, assim... Que a minha mãe ficou muito, muito afetada de início. Só que hoje em dia, ela é a que mais gosta do fato de ele ser livre, assim, do jeito que ele gosta.” (Rafael)

Essa falta de entendimento é observada também na ideiação que alguns familiares têm de que a homossexualidade é só uma fase ou acontece por influência de amigos. Nos seguintes fragmentos isso é relatado:

“Ninguém aceitou em um primeiro momento, todo mundo achou que era questão de companhia, que eram os amigos dele e tal, que ele tinha amigos gays e a gente sabia que eles eram gays. E a gente achou que era por causa dos amigos, que os amigos estavam influenciando e aí depois um tempo a gente viu, a gente aceitou que era dele mesmo.” (Rafael)

“[...] minha mãe ficou muito nesse negócio de ela tá confusa, ela não sabe o que que ela tá sentindo, ela tá rebelde e ela não aceitava que é um fato sabe? [...]” (Renato)

“[...] ela fala que hoje tá todo mundo fazendo isso porque é moda, não sei o que... minha irmã tá com a cabeça muito perdida.” (Patrícia)

Há também muitos casos em que os pais “aceitam” a sexualidade de seus filhos/as, mas pedem para manter em segredo, para que não vire motivo de piada na família e na vizinhança ou alvo de violência de outros (BARCELOS; BATISTA, 2014). Além da falta de entendimento a respeito da homossexualidade, essa não aceitação vem acompanhada também de uma frustração resultante do rompimento das expectativas que os familiares depositam em seus filhos, baseadas na cultura heteronormativa (SILVA et al., 2015). O discurso de Patrícia deixa transparecer esse apontamento:

“Minha irmã ficava de vez em quando com alguns homens, mas tipo assim ela não... ela é sapatão mesmo sabe, gosta de mulher, acho que ela faz isso mais porque minha mãe ficava muito feliz quando ela chegava com homem lá em casa, super apoiava e tal.” (Patrícia)

3.2 Relacionamento Fraterno

A segunda categoria, trouxe a importância do relacionamento fraterno para os homossexuais. Na maioria dos relatos, o irmão teve papel importante no processo do homossexual em se assumir e em lidar com o restante da família. O Quadro 2 dá clareza ao momento específico do *coming out* do homossexual com seu irmão e contextualiza a inserção no enredo a partir de como esses sujeitos ficaram sabendo da homossexualidade de seus/suas irmãos/ãs.

Quadro 2 - Como os irmãos receberam a notícia

Renato	“[...] passou um tempo ela tava muito diferente, muito estranha tipo comigo, não conversava de forma muito aberta e tava saindo muito sem contar pra onde ia, tanto pra mim quanto pros meus pais. (...) num dia do nada ela virou pra mim e falou assim “a gente precisa conversar” aí ela me chamou pra comer um sanduíche aí foi nós dois lá e ela tava muito tipo engasgada sabe? e aí ela falou assim “to precisando te contar uma coisa” e eu não sei explicar o que aconteceu, de verdade não tenho a mínima noção e eu na hora eu entendi, assim ela não precisou falar [...] E nunca tinha pensado, aí ela foi e pelo tom de voz que ela falou assim “preciso conversar com você” eu sabia que era uma coisa que ela tava meio que com vergonha de me contar, sabe? Aí eu falei não precisa de me falar, eu já sei. Até hoje eu sempre falo com ela, nunca entendi como que isso aconteceu mas eu já sabia.”
Rafael	“Ele tinha um diário, era um caderno velho que ele deixava meio escondido, assim. E um dia, minha mãe arrumando as coisas dele, assim, ela achou o caderno [...] ela me chamou para conversar e falou que tinha achado esse caderno, me falou o que tava escrito e tal. E... E eu não conversei com ele, só fiquei sabendo, assim... E absorvi aquela informação de início, mas também não quis aceitar. Achei que era, ah não achei que era uma fase que ia passar, só que foi mais ou menos assim. Não foi eu quem descobri, ele não veio me falar. [...] Depois de uns meses assim, que esse assunto ficava meio em segundo plano, assim, ninguém falava a respeito, mas todo mundo sabia. E... Um dia ele conversou com um amigo meu, é... A respeito disso e ele falou que era gay e meu amigo achou que era brincadeira [...] E esse amigo meu veio me chamar [...] E aí, eu, nesse dia fui conversar com ele mesmo [...] Aí ele: “Não é tal, eu sou gay mesmo.” Aí então tá bom. [...] passou uns meses, assim, e foi melhorando, foi aceitando. Quando passou aquela coisa de que era uma experiência nova, tipo, uma notícia nova. Quando a gente acostumou com a ideia, foi assim, de boa.”
Patrícia	*Sorrindo* “E...Eu... Ela tinha pegado umas conversas minhas no computador, eu tava conversando com um menino e tal, aí ela ficava me ameaçando com essas conversas. E um dia ela foi...ela saiu de casa com as amigas dela e tal, aí eu peguei o computador dela e li as conversas dela e vi que ela namorava a amiga dela e tal aí eu descobri [...] Eu fiquei feliz porque eu tinha arrumado alguma coisa que eu podia fuder ela (risos) mas... foi... mas isso uniu a gente muito mais sabe? A gente ficou... a partir daí acho que foi o momento que a gente começou a ser mais irmãs mesmo né?”
Samuel	“[...] eu tava em casa, tipo, fazendo nada, aí minha mãe tava com umas pessoas lá em casa que ela chamou e aí ela tava, tipo assim, aparentemente triste, aí até que ela chamou pra mim conversar no banheiro, fechou a porta, começou a chorar muito e aí ela veio me contar que meu irmão era gay, e tal, e naquela época eu tinha tipo uns 13 anos, assim, e eu tipo assim, eu num... eu tava começando a criar consciência sobre essas coisas, mas ainda não tinha muito consolidado, então naquela época foi um baque assim, sabe? Tipo assim, eu fiquei meio... meio tipo assim, porque eu não esperava isso, naquela época, de uma pessoa próxima minha, sabe? Eu ainda era aquela pessoa que fazia piadinha com isso, e tal e aí... na época foi meio tenso, mas em geral foi assim que eu fiquei sabendo.”

Lúcio	“Ela que me contou... E, um ano e meio atrás mais ou menos, ela me falou. Aí é uma coisa que nossos pais não sabem ainda... Só que... não sei, surgiu o papo, um dia, eventualmente, e ela falou. Não fui eu perguntando, nem nada, foi meio espontâneo, assim. [...] ela me falou que estava saindo com uma menina, e aí a gente entrou nesse papo, e na época ela falou que não sabia ainda se era lésbica ou bi, e... depois de um tempo ela veio me falar que tinha descoberto que era lésbica mesmo, então... É foi assim.
Gabriela	“ela me contou um dia, já tinha uns 3 anos que ela já tinha contado pra minha mãe, [...] e aí um dia a gente tava, minha mãe tinha saído e tava nós duas em casa, a gente ia assistir um filme, uma coisa assim, aí ela tava no celular e eu falei: Com quem você tá conversando? Aí ela me contou: Ah, eu to conversando com a minha namorada, aí eu fiquei tranquila assim, aí ela olhou pra mim e falou assim: Você nunca percebeu que eu sou homossexual não, que eu sou gay? Aí eu falei assim, uai, eu já vi a bandeira, ela tem uma bandeira LGBT no quarto, eu já vi a bandeira no seu quarto, eu sei que você tem algumas amigas que são, mas nunca foi uma coisa que me incomodou, eu não ia até você perguntar, o dia que você quisesse me contar e você precisasse de mim pra algum motivo eu estaria aqui, mas nunca foi uma coisa que... eu achei que eu tinha que ir atrás pra ter respostas... Aí foi assim.”
Fernanda	“[...] tipo a gente meio que entendeu assim, se entendeu sem precisar dele falar sabe, eu meio que já sabia, sabe quando você tipo a vida inteira você meio que sabe assim que a pessoa... tipo assim ele era muito afeminado sabe? E aí já achava que ele era gay e tal. E aí teve uma vez que a gente brigou quando a gente era pequeno, que eu chamei ele de gay e aí ele ficou muito estressado tipo, mais do que o normal, é isso.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) definem a função fraterna em sua dimensão identificatória. Em suas palavras,

[...] a função fraterna como sendo de ajuda recíproca, de colaboração, de assistência em um nível de igualdade, de defesa dos direitos das gerações e de provisão de modelos de identificação entre os irmãos, que, por pertencerem à mesma geração, funcionam como modelos de identificação diferentes dos pais. (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007, p. 302)

A solidariedade entre os irmãos, então, também pode servir como uma base do equilíbrio familiar em momentos de crise. (FERNANDES; ALARCÃO; RAPOSO, 2007; GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007). É possível perceber, nos seguintes relatos, a relação fraterna de cumplicidade e colaboração entre os irmãos no relato de Renato:

“Eu e minha irmã acabamos que sempre, a gente sempre teve uma cabeça mais aberta e a gente meio que rompeu... claro que nada grave [...] com meus pais.” (Renato)

“[...] durante 1 ano foi clima de guerra, tipo assim bizarro, coisa de agressão, de chegar quase a agressão física sabe? se eu não tivesse lá teria acontecido agressão física e aí... hoje não, hoje é mais apatia sabe? minha mãe ainda tem um distanciamento.” (Renato)

Além disso, observamos nas entrevistas de Renato e Rafael, um papel dos irmãos como “apaziguadores” e intermediários da situação:

“Eu falei com ela: “mãe, não tem o que a gente fazer, não adianta a gente fazer nada, tipo, é a vida dele e a... preferência dele e a gente não tem como alterar isso dele, ti-

po, forçar ele a gostar de outra coisa. Então, deixa ele, aceita ele. E aí, ela foi ficando mais de boa.” (Rafael)

“[...] enfim por um certo tempo eu meio que aceitei esse comportamento dos meus pais, até pra tentar apaziguar, mas aí depois de um tempo eu falei não, não tem condições, é impossível e aí cortei totalmente em relação a isso falei não, vocês tem a sua opinião e eu tenho a minha e eu acho a opinião de vocês burra e eu não vou discutir mais com vocês porque ela é retardada ela não tem nenhum embasamento e minha mãe ficou puta e tal mas eu falei assim ‘mãe, dessa vez eu não vou tomar seu lado, dessa vez eu vou ficar aqui com a minha irmã porque isso que você tá falando não tem o menor sentido’” (Renato).

Em consonância com o estudo de Saggese (2009), percebemos que a primeira experiência de *coming out* normalmente acontece no núcleo familiar, sendo esse o primeiro lugar de aceitação ou rejeição da homossexualidade. Essa aceitação da família nem sempre é imediata, podendo vir com o tempo e quando a homossexualidade é bem aceita, a família é muitas vezes encarada como um lugar seguro, onde o indivíduo pode buscar suporte quando enfrentar problemas na sociedade. Em seis entrevistas, observamos que após o *coming out* a relação fraterna se tornou mais forte. Nas falas de Samuel, Patrícia e Gabriela isso fica exemplificado:

“[...] depois que ele contou pra gente é... deu pra perceber que tinha uma confiança maior envolvida ali sabe, porque é um negócio, que muitas vezes não é fácil né, e quando a pessoa se sente livre pra falar assim e ele é abertamente, tipo assim, o tempo todo com a gente sobre isso, não tem problema nenhum de falar qualquer coisa, aí acredito que a relação só melhora, eu até me sinto mais confiante pra falar coisas minhas pra ele também, sabe?” (Samuel)

“[...] Mas isso uniu a gente muito mais sabe? A gente ficou... a partir daí acho que foi o momento que a gente começou a ser mais irmãs mesmo, né? (Patrícia)

“Assim, o fato de eu ficar sabendo me aproximou mais da realidade dela, como não era mais um elefante dentro de casa, que ela se sentia que tinha que guardar o segredo, eu comecei a participar mais das coisas, então assim, eu fui entender o que tava acontecendo [...] (Gabriela)

3.3 Desdobramentos do *Coming Out*

A terceira categoria englobou os desdobramentos do *coming out*. Na sociedade brasileira, esse momento pode ser ainda mais angustiante uma vez que a cultura ainda é pautada na heteronormatividade. Conforme Martins, Romão, Lindner e Reis (2010), a heteronormatividade é compreendida como uma expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual. Dessa forma, a relação de aceitação por parte dos pais, mães e irmãos de indivíduos homossexuais se mostra difícil devido aos resquícios dessa cultura heteronormativa, que resulta em reações negativas.

Em duas entrevistas foi possível observar o peso que esses valores culturais tradicionais ainda exercem na concepção de algumas pessoas sobre a homossexualidade.

“[...] eu sou de uma cidade do interior, chama D, é uma cidade muito pequena, os pais ainda são... as famílias em geral ainda têm muita restrição com muita coisa, meus pais são muito religiosos [...] E aí foi punk porque meus pais são muito religiosos, católicos, conservadores e tudo mais [...]” (Renato)

“Pro meu pai foi muito complicado e foi por conta de machismo, minha família por parte de pai é muito tradicional, muito machista, muito assim, se já tem dificuldade com mulher imagina com homossexual e aí, pra ele, ele fica muito preocupado com o que a família dele ia pensar” (Gabriela)

Os fragmentos de Renato e Gabriela dão a ver as variações dos discursos familiares que reproduzem a heteronormatividade, como analisam Toledo e Teixeira Filho (2013):

a reiteração da heteronormatividade no discurso familiar pode se manifestar de formas distintas, e em graus variados, indo desde o total silenciamento de qualquer coisa que se refira à diversidade sexual e de gênero, passando à produção de estigmas diversos que operam sobre as pessoas que não se enquadram em tal norma, chegando a casos de segregação do membro da família de forma simbólica ou real, e mesmo a violências físicas e até a assassinatos. (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013, p. 383)

Foi possível perceber algumas dessas fases nas falas dos entrevistados, por exemplo, nas falas de Patrícia foi possível visualizar a fase do silenciamento:

“[...] mas eles simplesmente não falam sobre isso... fingem que isso não acontece, tipo.” (Patrícia)

E em duas falas de Renato foi possível perceber a segregação do membro familiar:

“Enfim, mas hoje em dia é... elas tem uma relação boa, tipo se tratam bem, tem muito carinho e tal mas quando entra no assunto o que minha irmã faz quando ela chega do trabalho e o que minha irmã faz no final de semana e quando a namorada da minha irmã vai ou falar de sentimento falar de... acabou, o tratamento delas é de mãe e filho, trabalho e moradia, porque a minha irmã ainda mora com eles, só. Não tem nada a mais do que isso não.” (Renato)

“E aí as duas estavam indo quando minha mãe e meu pai chegaram e encontraram elas minha mãe quis ir embora e meu pai não queria, meu pai falou ‘não M., né, a gente nem vai ver, deixa ali.’ E aí minha mãe foi embora e meu pai ficou. Esse foi um fato que meio que mostrou bastante isso.” (Renato)

Em muitas entrevistas foi perceptível a preocupação da família com o familiar homossexual devido à homofobia presente na sociedade. Como descreve Khoeler (2013)

A homofobia é aqui definida como rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou iden-

tidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais ainda aceitos como normativos na nossa sociedade [...]. (KHOELER, 2013, p. 134)

Em três relatos, foi possível perceber essa preocupação, já que mesmo com a aceitação da família, a sociedade ainda é um grande obstáculo a ser superado.

“[...] depois que a gente acostumou, a gente ficou mais com medo da reação das pessoas de fora, sabe?! Do que que as pessoas de fora iam falar. É igual, hoje em ele namora. E... O único medo que a gente tem é, igual, as vezes ele sai com o namorado dele e algum... sei lá, jogar pedra na rua, alguma coisa assim. Porque, xingar, assim, eu já vi, já vi eles tomando xingo na rua, sabe?!” (Rafael)

“E assim, eu fiquei preocupado não pelo fato da orientação sexual dela, mas pelo fato dos meus pais e por ser uma sociedade(?) “escrota pra caralho” e todo mundo cabecinha fechada e enfim, fiquei preocupado por causa disso.” (Renato)

“[...] o problema não é diretamente com ela, mas o medo do que ela vai ter que enfrentar por ser homossexual [...] o que significa ficar com pessoas do mesmo sexo nunca foi um problema muito grande assim, nem pra minha mãe, nem pro meu pai, acho que sempre foi um medo do que ela enfrentaria, as vezes família, sociedade, das dificuldades e etc.” (Gabriela)

Outro ponto a ser apresentado seria a mudança da percepção da homossexualidade por parte de alguns dos familiares, que apareceu em cinco entrevistas podem ser vistas nas falas de Rafael:

“[...] essa concepção que mudou é que nem todo mundo que é espalhafatoso é gay, porque também acontece *riso* e que tipo assim, o pessoal é de boa, as pessoas são tranquilas. Eu não sei de onde vem esse preconceito, mas, depois que você perde ele, você passa a achar uma coisa assim, meio idiota. [...] E, mais ou menos isso, a gente teve essa mudança de conceito, de entender o comportamento das pessoas, mesmo. E que não tem nada de errado em ser espalhafatoso e tal.” (Rafael)

“no começo eu achei esquisito, meio esquisito assim, só que aí ao longo do tempo, eu fui... eu fui percebendo que não é um problema... tipo assim, era quem ele era e tal e... fui buscando saber, fui procurando coisa pra ler e tal [...] eu acredito que, não sei, alguns meses depois assim eu já tava convivendo com ele, é... da mesma forma como sempre sabe? [...] acredito que com a minha mãe foi mais ou menos a mesma coisa assim [...] meu irmão, ele é uma pessoa que... que ele, tipo assim, ele explica muito bem as coisas, e ele foi ajudando a gente também a ficar mais consciente sobre essas coisas também. Aí ele foi explicando tudo pra gente e tal, e acredito que com o tempo ela, a gente foi entendendo por causa dele e por nossa conta própria também [...]” (Samuel)

Por fim, enfatiza-se a importância da conscientização popular acerca dessa problemática. Costa e Nardi (2015) se apoiam em Drescher (2010) para afirmar que o que mais teve influência sobre a mudança do diagnóstico da homossexualidade como doença não foi a ciência, e sim, o ativismo político. Com base nisso, percebe-se a força da participação de indivi-

duos homossexuais e não homossexuais para a diminuição da prática homofóbica, que também podemos perceber na família de Gabriela:

“[...] minha mãe sempre foi tipo, uma mãe leoa [...] então ela entrou mais do que nunca assim nos movimentos sociais de defender as minorias, [...] elas super entraram pra esse meio, se atentaram pra política, nesse sentido assim de tentar melhorar as coisas em volta e eu vejo que as amizades da minha mãe mudaram também pra pessoas que aceitavam, que conseguiam conversar isso com ela de forma melhor é.. Nesse sentido assim sabe? De... é de realmente... tentar moldar um ambiente ou uma sociedade muito maior, que fosse melhor pra minha irmã, que ela pudesse viver com mais conforto e não obrigar ela em estar em ambientes que ela não era aceita” (Gabriela)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível refletir um pouco mais sobre a homossexualidade, um tema que é de grande importância na sociedade atual já que ainda é alvo de violência e discriminação. Entretanto, o foco principal foi no ambiente familiar destes indivíduos, pelo ponto de vista de seus irmãos. A literatura abriga grandes trabalhos sobre a reação dos pais a respeito da homossexualidade de seus filhos e sobre o ponto de vista do próprio homossexual e, por isso, este trabalho explorou esse tema sob outra ótica.

Foi possível perceber, por meio da revisão bibliográfica e das entrevistas realizadas, que a homofobia é sim muito presente e que ela gera muitas consequências negativas ao indivíduo. Ela é ainda pior quando vem de dentro de casa - um ambiente que na teoria seria seguro e receptivo. Entretanto, os indivíduos homossexuais que têm irmãos, podem muitas vezes encontrar neles um apoio e uma ajuda para lidar com os pais e com a sociedade. Isso ficou perceptível em muitas entrevistas realizadas, onde o/a irmão/ã foi muito importante no momento do *coming out*, até mesmo ajudando a fazer com que os pais entendessem o que é a homossexualidade.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Thiago Soliva; BATISTA, João da Silva Júnior. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n.17, p. 124-148, Ago. 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/2933/293331474005/>>. Acesso em: 15 Abr. 2019.

BRAGA, Iara Falleiros et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, supl. 3, p. 1220-

1227, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>>. Acesso em: 30 Abr. 2019.

BORGES, Roberta da Costa. **Pais e Mães Heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Código de Ética Profissional do Psicólogo**: Resolução CFP nº 001/1999. Brasília: CFP, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Código de Ética em Pesquisa**: Resolução CNS nº 466/12. CNS, 2012.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 715-726, set. 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-15>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: J. Poupart et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa**: Enfoque epistemológicos e metodológicos. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 127-153.

FERNANDES, Otília Monteiro; ALARCÃO, Madalena; RAPOSO, José Vasconcelos. Posição na fratria e personalidade. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 297-304, set. 2007.

GOLDSMID, Rebeca; FÉRES-CARNEIRO; Terezinha. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 293-308, dez. 2007.

HAUER, Mariane; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 649-662, set. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a10.pdf>>. Acesso em: 22 Abr. 2019.

KIND, Luciana. Elementos para a Análise Temática em Pesquisa Qualitativa. Belo Horizonte, 2007.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, Cultura e Violências: a desinformação social. **Revista Interacções**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 129-151, jan. 2014. Disponível em <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em 18 Jun. 2019.

MARTINS, Ferdinando; ROMÃO, Lilian; LINDNER, Liandro; REIS, Toni. Manual de Comunicação LGBT. **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais**. Curitiba: Ajir Artes Gráficas, 2015.

MUNIZ, Aline; FÉRES-CARNEIRO; Terezinha. Função fraterna: reflexões a partir do filme Príncipe das Marés. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 41-56, abr. 2012.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas psicol.**, Ri-

beirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, set. 2018. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>>. Acesso em 18 Jun. 2019.

NATARELLI, Taison Regis Penariol et al. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 664-670, Dec. 2015. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20150089>>. Acesso em: 10 Jun. 2019.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2015. E-book. Disponível em: http://adriananunan.com.br/downloads/e-book/Homossexualidade__do_preconceito_aos_padroes_de_consumo_-_Adriana_Nunan.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. 2009. Dissertação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SEIDMAN, Steven; MEEKS, Chet; TRASCHEN, Francie. Beyond the Closet? The Changing Social Meaning of Homosexuality in the United States. **Sexualities**, v. 2, n. 1, p. 9-34, feb. 1999.

SILVA, Mônica Magrini de Lima; FRUTUOZO, Juliana Fernandes Furlan; FEIJÓ, Marianne Ramos; VALERIO, Nelson Iguimar; CHAVES, Ulisses Herrera. Família e Orientação Sexual: Dificuldades na aceitação da Homossexualidade Masculina. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n.3, p. 677-692, Set. 2015. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a12.pdf>>. Acesso em: 23 Abr. 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31 - 42.

SILVEIRA, Luiza. O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In A. Wagner (Coord). **Família em cena: Tramas, dramas e transformações**, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 93-112.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v65n3/05.pdf>>. Acessos em 28 Nov. 2019.

WEEKS, Jeffrey. The construction of homosexuality. In: WEEKS, Jeffrey. **Sex, Politics and Society**: The regulation of Sexuality since 1800. 3rd. ed. New York: Taylor & Francis, 2012. p. 119-157.

YIN, Robert K. Definição do estudo de caso como método de pesquisa. In: YIN, Robert K. **Estudo de caso**. Planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2015. cap 1, p. 3-28.